

# CHRISTINE DE PISAN, UMA FEMINISTANO MEDIEVO?!

MÔNICA KARAWEJCZYK\*

## RESUMO

Este ensaio pretende apresentar Christine de Pisan, uma mulher que viveu da sua arte, a escrita, em pleno século XV. Para tanto se faz a apresentação e análise de duas obras da autora: *A Cidade das Damas* e *O Espelho de Cristina*, nas quais Pisan aconselha e admoesta as mulheres do seu tempo.

**PALAVRAS CHAVE:** Christine de Pisan; A Cidade das Damas; O Espelho de Cristina; Mulher; Período medieval.

## ABSTRACT

This essay intends to present Christine de Pisan, a woman living from their art, writing, in the fifteenth century. In order to show her daring bring two works by the author: *City of Ladies* and *Cristina mirror* in which Pisan advises and admonishes the women of her time.

**KEYWORDS:** Christine de Pisan; The City of Ladies; The Cristina mirror; Woman; Medieval period.

Pouco conhecida do público no século XXI Christine de Pisan foi uma escritora que perseguiu em suas obras uma valorização da mulher pela educação e pela aprendizagem. É considerada a mais importante poetisa medieval e a primeira mulher a viver de sua arte – a escrita – no Ocidente. Era italiana de origem, mas francesa por adoção. De 1399 a 1430 Christine escreveu mais de 15 obras de prosa e outras tantas poesias. Seus livros tiveram uma grande aceitação, sendo divulgados não somente em França, mas por toda a Europa Ocidental como apontam as inúmeras traduções feitas das suas obras e também pela encadernação luxuosa dos exemplares que sobreviveram. Na figura 1 observa-se uma representação dela no ato de seu ofício de escrever.

---

\* Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [karawejczyk@gmail.com](mailto:karawejczyk@gmail.com)

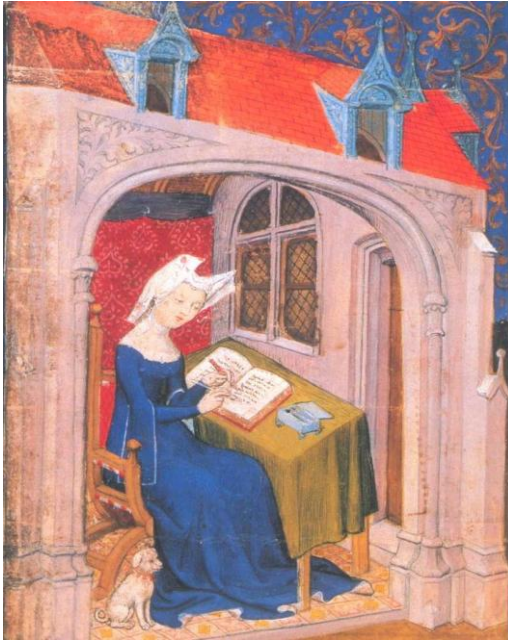


FIGURA 1 – **Christine de Pisan**

FONTE: Collected Works (1407), BL, MS Harley 4431, fol. ?. Andrea Hopkins, *Six Medieval Women*, p. 108.

A Europa, em princípios do século XV, ainda era uma nebulosa de formas indecisas e de futuro incerto. O mundo em que Christine viveu (e escreveu) estava em plena transformação. Um mundo conturbado e mergulhado em guerras no qual havia “uma conjugação de desgraças: privações, epidemias, guerras, o aumento brutal da mortalidade, diminuição da produção de metais preciosos, avanço dos turcos”, tal como salienta Jean Delumeau (1994, p. 21). E é nesse ambiente no qual a obra de Pisan deve ser entendida e analisada.

Ela nasceu em 1364, em Veneza. O pai, Thomaz de Pisan, era astrônomo e, como tal, foi convidado a viver na corte de Carlos V, o sábio, o que motivou toda a família a se mudar para a França, no ano de 1370. Com o pai Christine aprendeu o latim e a filosofia, matérias que não faziam parte da educação de uma mulher na época. Contudo não escapou de um costume da época, casar-se cedo, e aos quinze anos de idade já está casada com Etienne Castel, nomeado secretário do rei um ano após o casamento. Thomaz de Pisan morre em 1386 e logo após Etienne, em 1389. Aos 25 anos de

idade Christine se vê sozinha e responsável pelo sustento da família. Segundo Lucimara Leite (2008, p.12): “de filha e esposa, agora dela depende o provimento da família: sua mãe, seus dois irmãos e seus três filhos”.<sup>1</sup>

Educada, culta, integrada ao mundo das letras Christine teve de transformar seu saber em profissão e transformou as palavras em ofício e, da poesia, retirou o seu sustento. Aos 54 anos recolheu-se para um convento onde viveu por onze anos e escreveu um poema em louvor da figura que, para a posteridade, se destacaria acima de todas as outras mulheres, Joana D’Arc. Foi reconhecida como autora brilhante ainda em vida, compôs inúmeras baladas e poemas, inclusive uma biografia do rei Carlos V, além de obras educativas para mulheres e textos de caráter memorialístico e biográfico. Christine dedicou e ofereceu algumas de suas obras a pessoas da família real francesa, tal como se observa na figura 2. Faleceu em 1430 e deixou para a posteridade uma “variedade de gêneros e modalidades literárias: baladas, *virelai*, rondós, *lais*, epístolas, tratados morais, biografia, etc.” (DEPLAGNE, 2013, p. 120).

Um fato surpreendente na trajetória dessa mulher era que ela não era nem nobre, nem se dedicava a alguma ordem religiosa, pois, como esclarece Ferruccio Bertini,

Muitas das jovens pertencentes às famílias nobres elegiam a vida no monastério ou se viam conduzidas a ela; o convento, de fato, oferecia a muitas delas a possibilidade de receber uma educação e de alcançar um sentimento de responsabilidade e independência de outro modo impensável: entre os séculos X e XII alguns monastérios femininos se tornaram famosos como centros de cultura, e pelo nível de instrução que podiam garantir.[...] a parte destacadas exceções, as mulheres que conseguiram conquistar um lugar de destaque na história da literatura latina medieval viveram toda sua vida, ou a maior parte dela, entre os muros de um convento (BERTINI, 1991, p. 21, tradução nossa).

Este é mais um ponto em que Christine se destaca das mulheres da sua época, pois, apesar de passar os últimos anos de sua vida num convento, a maior parte de sua produção literária foi escrita nos anos em que viveu na corte de França sob a proteção dos seus nobres patronos. Outro ponto de destaque na sua trajetória foi ela ter preferido se dedicar “à sua atividade literária” ao invés de,

---

<sup>1</sup> Dados biográficos compilados de: José Rivair Macedo (2002), Michelle Perrot (1998), Bárbara Tuchman (1989), Lucimara Leite (2008). Seu nome também aparece grafado como Cristina e o sobrenome como Pizan.

como era habitual na época em questão, se recolher a um convento ou ir à busca de um novo casamento. Assim ela escolheu “uma vida independente e sozinha”(DEPLAGNE, 2013, p.120), fato raro para uma viúva no período medieval.<sup>2</sup>



FIGURA 2 – Christine ofertando um dos seus livros para a Rainha Isabeau da França, esposa de Carlos VI

FONTE: Collected Works (1407), British Library, MS Harley 4431, fol. BL, MS Harley 4431, fol. 1r.

Seus primeiros trabalhos foram poemas e seu primeiro patrono foi o irmão do rei da França, Louis – Duque de Orleans. Teve outros patronos, inclusive o Duque da Borgonha, o Rei Carlos VI e sua esposa, a rainha Isabeau. Para Luciana Deplagne (2013, p.120) “a entrada de Christine de Pizan no ‘Campo das Letras’ se deu como meio de sobrevivência e de alívio moral face à morte do seu marido”. Já Bárbara Tuchmana descreve como “a única mulher medieval, pelo que se sabe, a ganhar a vida escrevendo... viu-se

<sup>2</sup> A Idade Média é um período da história europeia cuja duração é apresentada, para fins didáticos, como sendo de cerca de um milênio, sendo delimitado pelos séculos V a XV, conforme definição de Hilário Franco Júnior (2001, p. 14-15).

sem recursos nem parentes, começando a escrever para conquistar a proteção, que seria então seu meio de vida” (TUCHMAN, 1989, p. 200). Por outro lado, José Rivair Macedo destaca que Pisan “teve clara consciência de si própria e de sua condição de poetisa e escritora. Interessava-se pela organização de seus livros, pela direção dos copistas envolvidos na preparação dos manuscritos, pela ilustração de cada um deles” (MACEDO, 2002, p. 93). Levando-se em conta tais afirmações será que podemos identificar Christine de Pisan como uma feminista em pleno medievo?

A visão de mundo das pessoas do medievo apontava para a definição dos papéis masculino e feminino na sociedade como uma dualidade não complementar, melhor definida em termos de hierarquia. Tal construção foi lapidada pela cristandade que, desde a Antiguidade Tardia e os primeiros Pais da Igreja, reforçava a representação do desequilíbrio entre os sexos e favorecia uma tendência a favor do masculino e a uma elegia à sua superioridade, marcando de forma irremediável o pensamento ocidental, do qual somos herdeiros. Segundo se veiculava na época: “por natureza, a mulher só pode ocupar uma posição secundária [...]. Homem e mulher não se equilibram nem se completam: o homem está no alto, a mulher em baixo” (KLAPISCH-ZUBER, 2002, p. 138-139). Tal ideia da submissão e inferioridade feminina também pode ser creditada ao fato de que, na Idade Média, não se concebia a

ordem sem hierarquia. A construção do masculino/feminino respeita essa noção e se esforça em articular entre eles os dois princípios da polaridade e da superposição hierarquizada [...]. Desta difícil combinação resulta uma imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino. (KLAPISCH-ZUBER, 2002, p. 139).

Emerge, assim, a imagem da mulher como *auxiliar do homem*, pois tendo sido criada a partir da “costela de Adão”, Eva (e todas as mulheres) deveria a ele (ao homem) a sua vida e a ele precisaria mostrar obediência e submissão, reforçando a ideia de uma pretensa e natural inferioridade feminina. Portanto, é interessante observar que “a partir do momento em que um sistema simbólico determina posições relativas ao masculino e ao feminino e papéis específicos aos homens e às mulheres, estes não podem ser modificados sem questionar a ordem do mundo à qual eles se referem” (KLAPISCH-ZUBER, 2002, p. 148).

Christine mostrou publicamente o seu posicionamento sobre a questão feminina quando se envolve em uma batalha literária contra

um dos autores do “*Roman de la Rose*” – Jean de Meung. Esse autor ao completar a obra havia modificado o sentido inicial do poemado uma concepção cortês do amor idealizado para uma glorificação da sedução. Christine se envolve nessa querela ao atacar o conteúdo da obra e, principalmente, a leitura que os seus contemporâneos faziam dela, ou seja, dessa glorificação da sedução contra o ideal do amor fiel e puro, um ideal da cortesia cavalheiresca. Johan Huizinga destaca que, pela primeira vez, uma mulher ousou ficar contra a opinião de um homem publicamente e se dispôs a lutar em favor da honra feminina (HUIZINGA, s/d, p. 119). José Rivair Macedo ao se referir ao papel de Pisan nessa querela relata que ela, como herdeira intelectual da tradição cortês,

não mediu esforços para defendê-la em uma época em que a cultura cavalheiresca sofria transformações substanciais. Os conceitos da cortesia cediam passo a novos valores surgidos no decorrer do século XIII – valores burgueses por excelência. A partir de *Roman de la rose* (Romance da Rosa) [...] anunciou a transformação. Os intelectuais da Universidade concretizaram-na. A imagem da mulher, vilipendiada no *Roman* continuava a ser objeto de chacota. No início do século XV, Cristina atacou o conteúdo da obra [...], na primeira polêmica literária da história ocidental e no primeiro posicionamento público de uma mulher em defesa das demais (MACEDO, 2002, p. 94).

A ousadia de contestar um ponto de vista masculino foi descrita dessa forma por Christine: “que não me acusem de desatinos, de arrogância ou de presunção, de ousar, eu mulher, opor-me e replicar a um autor tão sutil, nem de reduzir o elogio devido a sua obra, quando ele, único homem, ousou difamar e censurar sem exceção todo o sexo feminino” (PISAN *apud* REGNIER-BOLER, 1998, p. 530). Tem-se, assim, uma mulher que, em pleno século XV, escreve em defesa das mulheres demonstrando uma “clara consciência de si própria e de sua condição de poetisa e escritora” (MACEDO, 2002, p. 93). Lucimara Leite, ao analisar a vida e a obra de Pisan, destaca que

as discussões que Christine trouxe à baila são importantes por terem provocado a reflexão e, conseqüentemente, terem produzido uma nova percepção: a das mulheres enquanto indivíduos que começam a emergir na sociedade. Também, enquanto testemunha de seu tempo, Christine escreveu sobre os problemas das mulheres da época, mostrando sua difícil sobrevivência em condições econômicas e políticas adversas (LEITE, 2008, p. 88).

Apesar da diversidade de temas abordados por Christine de Pisan nas suas obras, um dos traços mais marcantes nela seria a defesa da mulher. E entre estes um tema que se destaca: o pedido de igualdade de educação para homens e mulheres, como se percebe nesse trecho, retirado da obra *Cidade das Damas*, na qual a autora destaca: “se fosse costume enviar as mocinhas à escola e ensiná-las metodicamente as ciências, como é feito para os rapazes, elas aprenderiam e compreenderiam as dificuldades de todas as artes e de todas as ciências tão bem quanto eles” (PIZAN, 2012, p. 115). Destaca-se também que, para Pisan, o próprio sentido de educação deveria ser compreendido para além do ensino formal, pois, nesse livro

assim como no conjunto da obra de Christine, o sentido de educação é mais próximo de sua acepção latina *e-ducare* (conduzir fora de). Ele vai além do saber adquirido pelo ensino, designando a própria formação do seu, o fato de guiar um indivíduo, a partir de um estado inicial julgado insuficiente em direção a um outro considerado melhor (CALADO, 2006, p. 87).

*La Cité des Dames* (A Cidade das Damas), publicada em 1405 é sua obra mais conhecida, na qual Pisan recorre as figuras alegóricas da *Razão*, *Retidão* e *Justiça* para, através do auxílio dessas virtudes, construir uma cidade na qual as mulheres pudessem ser tratadas com justiça. O uso de tais figuras era um artifício rotineiro, entre os autores do medievo, “principalmente nos livros de instrução, tidos como verdadeiros espelhos para o comportamento. Esse tipo de livro tinha dupla função na sociedade: mostrar que, como em dinâmica especular, a realidade imita a arte, e a própria arte mimetiza a realidade” (LEITE, 2008, p. 86). Luciana Calado Deplaugne, que estudou e traduziu tal livro para o português, destaca:

Considerada a primeira obra a questionar a supremacia masculina em relação à mulher em vários domínios, *A Cidade das Damas* busca reavaliar o papel feminino ao longo dos tempos, através da compilação de exemplos de várias figuras históricas, lendárias, mitológicas, de grande virtude, que deram prova da capacidade intelectual e física. (DEPLAUGNE, 2003, p. 116)

Na figura 3 observa-se uma ilustração pertencente à obra, na qual se pode observar as figuras alegóricas da razão, retidão e justiça auxiliando na construção da hipotética cidade.



FIGURA 3 – Detalhe da construção da *Cidade das Damas*

FONTES: Christine de Pisan (b. 1364-d. after 1429), *Le Livre de la Cité des Dames* (The Book of the City of Women), Paris, around 1405, Manuscripts Department, Western Section, Fr. 607, Parchment.

Outra obra da autora, *Le Livre des Trois Vertus* (O Livro das três virtudes), foi publicada entre os anos de 1405 e 1406. Em 1518 recebeu uma versão portuguesa, com o sugestivo nome de *O Espelho de Cristina*.<sup>3</sup> A anônima tradução portuguesa da obra parece ter sido feita entre 1447 e 1455. O Infante D. Pedro teria trazido da França uma cópia do manuscrito original que, traduzida, pertenceria a D. Isabel. Passados mais de 70 anos, D. Leonor mandará imprimir a obra para “insinança das moças” (FIGUEIREDO, 1957, p. 117-119).

Tal obra é a continuidade de *A Cidade das Damas* na qual as três virtudes, *a Razão*, *a Retidão* e *a Justiça* novamente vêm prestar ajuda à Christine na difícil tarefa de povoar *A Cidade das Damas*. O livro consiste em um “manual de educação moral” no qual se pode perceber a situação da mulher no período final do medievo (CASAGRANDE, 1998, p. 110).

No período em que a obra foi escrita esse tipo de ensinamento moral era exclusivamente escrito por homens, que

---

<sup>3</sup> A versão a que tive acesso foi uma edição fac-símile da obra publicada em 1987 pela Biblioteca Nacional de Portugal, encontra-se em português arcaico. Agradeço ao professor Dr. José Rivair Macedo o empréstimo da obra para estudos. A obra é composta por 102 folhas ou fólhos.



classificavam as mulheres em “três categorias antigas e respeitáveis, incessantemente evocadas nos escritos de homens santos e sábios, a começar pelos Padres. São as virgens, as viúvas e as mulheres casadas”(CASAGRANDE, 1998, p. 110). Enquanto a maioria da literatura didática e pastoral, endereçada as mulheres, as classificava pelo critério moral da castidade, Pisan propôs uma maneira diferente de encarar a posição da mulher naquela sociedade. Christine inovou ao concentrar sua atenção em mulheres de diversos níveis sociais, ou seja, mulheres que viviam ao lado de reis, de nobres, de mercadores, artesãos e trabalhadores, que trabalhavam dentro e fora das paredes domésticas, podendo ser cultas ou iletradas, humildes ou poderosas, ricas ou pobres.

As figuras alegóricas da *Razão*, da *Retidão* e da *Justiça*, fizeram sua primeira aparição na obra *A Cidade das Damas* para ajudar na construção do lugar onde as mulheres teriam garantido o seu descanso, no qual poderiam enfim se retirar sem preocupações com as mazelas do cotidiano. A *Razão* é a primeira figura a se apresentar, portando um espelho em sua mão direita. Tal objeto lhe permite ver a essência das pessoas e a ela cabe a construção das paredes e dos muros da Cidade. A *Retidão* se apresenta logo a seguir e traz consigo uma régua para traçar o limite da virtude e separar o bem do mal. A sua função na Cidade será a de construir as casas. Já a *Justiça* aparece segurando na mão direita uma taça de ouro em que aparece gravada a flor-de-lis da Trindade. Para a última das virtudes foi destinada a construção das altas torres e fortificações da Cidade e o seu término.

As três virtudes são personalizadas como as filhas de Deus e trazem inspiração para Christine escrever sua obra. Com o intuito de povoar a Cidade é que as três senhoras voltam a aparecer. Christine primeiro se dirige as senhoras da mais alta sociedade, as grandes senhoras, que devido a sua posição de prestígio na sociedade teriam a tarefa de servir de espelho a todos os que vivessem sob a sua guarda. Tal forma de se dirigir primeiro aos mais altos estados era corriqueira na época, tal como informa Georges Duby (1992). Afinal tais damas seriam como um “exemplo concreto e modelo vivo para todas as mulheres, por que a posição de superioridade social que Deus lhes concebeu obriga-as [...] a um respeito mais rigoroso das normas morais” (CASAGRANDE, 1998, p. 108).

Johan Huizinga descreve da seguinte maneira a forma como os medievos concebiam a sociedade em que viviam: “Deus [...] criou as pessoas para lavrar a terra e procurar, graças ao comércio, as

comodidades necessárias à vida; criou o clero para os trabalhos de religião; os nobres para cultivarem a virtude e manterem a justiça, de forma a que as ações e a moral destas distintas pessoas sejam um modelo para as outras” (HUIZINGA, s/d., p. 59). De forma semelhante Pisan descreve a sua Cidade ideal, o que parece apontar uma concordância com a maneira de perceber a sociedade, pois a concepção da sociedade da Idade Média, representada por uma rígida hierarquia social, aparece representada nessa obra de Pisan, dedicada a aconselhar as mulheres de todos os estados e é o seu propósito principal. Assim tal como os pregadores e moralistas da época, ela se dirige, primeiro, as rainhas, princesas e damas.

A mulher da aristocracia ocupava um lugar importante na sociedade da época, pois tal como identificou Eileen Power, “legalmente e socialmente, ela desempenhou um papel fundamental como proprietária de terras. Seu poder não estava confinado ao ambiente familiar onde, como esposa e mãe, exerceu grande autoridade; ela também era a representante do marido na ausência dele” (POWER, 1979, p. 39, tradução nossa).

Os conselhos principais de Pisan para essas mulheres do mais alto estado giram em torno de temas como: a prudência no agir da mulher, em conselhos de administração e economia sobre suas terras, serviços e cuidados com suas rendas na ausência do marido. Também são destacados cuidados com a educação dos filhos e da prudência nos trabalhos pra que haja paz e ordem em seus domínios e a salvação de suas almas. E como é salientado no prólogo de *O Espelho de Cristinase* a mulher seguir estes ensinamentos poderá “ter honra e bom nome e no fim o paraíso que é prometido aos que bem vivem” (PISAN, 1987, folha primeira). Não se deve esquecer que a organização política e social do mundo feudal era baseada no valor da terra e na das propriedades rurais de modo que não parece estranha a sugestão de Pisan para que as mulheres se preocupassem com suas terras e suas economias.

Seus conselhos para as grandes senhoras podem ser assim resumidos: ser devota a Deus; temperada em tudo: no comer, vestir e falar; rir baixo e não sem motivo; manter o rosto humilde e prazível e os olhos baixos; ter uma palavra amiga e doce resposta a todos; manter distância de jogos, danças, caçadas; visitar os doentes para lhes dar novas esperanças; não contrair dívidas maiores do que pode pagar; dar esmolas e ser caridosa e sem cobiça; mostrar-se séria e contida em público, falar pouco e manter o olhar honesto e baixo; deve usar roupas e tocados ricos, pois fazem parte do seu estado; deve conhecer bem a sua terra e quem trabalha nela e

nunca se mostrar áspera nem má para suas mulheres e servidores. Tais conselhos em nada se diferenciavam das normas de tradição monástica que deveriam reger a vida cotidiana das mulheres. Pisan também reforça que a mulher deve ser submissa às vontades do marido e participar de forma ativa da criação dos filhos, da administração dos seus bens e se preocupar com sua própria educação e com suas rendas.

Inesperadamente, nesse livro, o amor aparece como um dos valores a serem valorizados e prezados para as mulheres de todas as camadas sociais. Amor como uma espécie de dever da esposa para com o marido que assim seria o ingrediente principal para que o casamento alcançasse o sucesso. O que torna tal parte paradoxal é o fato de que a maioria dos casamentos, entre os estados mais elevados na época, davam-se por meio de contratos entre as famílias e, muitas vezes, os noivos nem ao menos se conheciam sendo que tais arranjos eram feitos enquanto eles eram crianças, tal como afirma Eileen Power (1979, p. 44).

Ao se dirigir para essas mulheres Pisan também as admoesta que se comportem como homens ao assumir uma posição de comando e autonomia na condução de suas vidas, das suas terras e das suas rendas e não se “fundirem em lágrimas como simples mulheres sem outra defesa (PISAN, 1987, folha 41). Danielle Régnier-Bohler assim descreve essa “estranha transmutação de sexo” proposta por Christine: “não é um dos menores paradoxos ver nesta feminista de primeira hora a consciência paralela e necessária de um ‘tornar-se homem’ para se fazer ouvir, para fazer validar o ato de escrever [...]. A legitimidade da mulher que escreve deve passar por um coração de homem” (1998, p. 531).

Nos três últimos capítulos do livro Pisan se dirige as mulheres de lavradores, as que trabalham e até mesmo as prostitutas (por ela denominadas *decomuns*). Sobre a questão da prostituição Claudia Optiz esclarece que: “nas cidades dos finais da Idade Média, a prostituição desenvolvia-se não só como fonte de rendimentos lucrativa para os ‘donos de bordéis’ e para funcionários públicos, mas também como técnica elementar de sobrevivência das mulheres pobres – que geralmente eram também solteiras” (OPTIZ, 1998, p. 412).

Do mesmo modo que aconselha as damas da corte, a procurarem estar sempre ativas, recomenda uma atividade para as prostitutas, para que elas se reabilitem aos olhos de Deus e da sociedade. Assim Christine sugere que elas se dediquem a fiar e a cuidar dos doentes e até mesmo as admoesta para que se mudem

para uma boa rua, que procurem ser humildes e façam um bom serviço a todos de sua comunidade (PISAN, 1987, folhas 45 e 45). Tais recomendações, para que as mulheres procurassem estar sempre ativas, pode ser mais bem compreendido se levarmos em conta que, na época, o ócio é considerado “perigoso para as mulheres”. As atividades mais recomendadas para as mulheres eram as que as mantivessem sob a proteção da casa, ou seja, fiar, tecer, bordar, coser, cozinhar, cuidar da educação dos filhos, também se aceitavam saídas de casa se o motivo alegado fosse visitar ou cuidar de pobres e enfermos (CASAGRANDE, 1998, p. 128).

Na análise da obra *O Espelho de Cristina* que se destaca é que a mulher para ser aceita naquela sociedade deveria evitar certos comportamentos, considerados como inaceitáveis para uma dama e que poderiam a levar a uma vida não virtuosa e voltada para os pecados. A soberba era um dos pecados capitais que deveriam ser evitados a todo custo, pois ele levaria a todos os outros, a saber: a vaidade, a inveja, a cólera, a preguiça, a avareza, a gula e a luxúria. Essa seria a primeira etapa a ser vencida para que o indivíduo pudesse se sentir pertencente a sua comunidade, ou seja, suprimir os impulsos que o levariam a cometer atos pecaminosos que o manteriam afastado da palavra de Deus e da comunidade cristã. Os critérios cristãos da humildade, simplicidade, submissão e caridade, que regiam a sociedade e que deviam servir de guias para o indivíduo, encontram-se plenamente destacados ao longo de toda a obra de Pisan.

Os conselhos dados por Christine em nome da *Razão, Justiça e Retidão* vão de encontro a ensinar as mulheres a resistir às tentações, esquivando-se dos pecados e atraindo para a sua vida todas as virtudes que as levariam ao paraíso e ao convívio de Deus. As três figuras alegóricas personalizam as principais virtudes que as mulheres deveriam seguir, e que aparecem a Pisan para oferecer seus conselhos para que ela instrísse outras mulheres de modo a as afastar das tentações que os pecados representavam, para assim todas tivessem a chance de alcançar o bem viver em sociedade e o paraíso, no final de suas vidas terrenas. A mulher apresentada na sua obra deveria perseguir a aceitação de seu grupo de qualquer modo, seja através da busca incessante de atos virtuosos ou na resignação que deveria ter quanto ao seu lugar na sociedade. Só dentro dos limites impostos pela sociedade é que essa mulher poderia se perceber, se reconhecer e se manifestar.

Os valores destacados pela autora são a paciência, a humildade, a temperança, o perdão, além de mostrar uma profunda

valorização da honra feminina. A mulher deveria procurar manter o bom nome e a benevolência, o que pode nos revelar que tais valores não eram muito seguidos pelo mais alto estado da sociedade na época. Christine também nos mostra uma mulher que participa ativamente da administração da economia do seu lar e de suas terras através de conselhos dados ao marido ou mesmo através da participação ativa quando da ausência desses, fato, aliás, corriqueiro no período, uma vez que a França enfrentava a *Guerra dos Cem Anos* contra a Inglaterra que havia iniciado em 1337 e só terminaria em 1453.

A mulher vislumbrada na análise dessas duas obras é uma mulher ao mesmo tempo ativa e submissa, que ao mesmo tempo em que era estimulada a participar da vida do marido, ela devia dissimular sua ação para não desobedecê-lo. Tal mulher deveria se interessar pela educação dos filhos e é aconselhada a se instruir dos seus direitos e deveres para não ser enganada e administrar seus bens, a ajudar o marido em todas as situações com conselhos e atos. A mulher, idealizada por Pisan, deveria também promover a paz, pois é apresentada por Christine como tendo uma natureza mais temerosa do que o homem e uma condição mais doce, o que a faria sempre desejar a paz e influenciar o homem nesse sentido. Segundo as palavras da própria Pisan (1987, folha 46): “A doçura da palavra da mulher quebra a aspereza do homem assim como a água por sua umidade e frieza mata o fogo”.

Ao tomar para si a incumbência de aconselhar as mulheres de todos os estados n’*O Espelho de Cristinae* mesmo ao prover exemplos de mulheres n’*A Cidade das Damas* que se destacaram do amálgama coletivo e que seriam, assim, dignas de imitação, Christine parece buscar um lugar no qual as mulheres pudessem se perceber e se valorizar enquanto mulheres. Contudo é bom fazer a ressalva que tais obras de Pisan não apresentam uma imagem real da mulher daquela época, mas sim uma representação da mulher na sociedade medieval. Representação esta muitas vezes idealizada, não se pode negar, mas que nem por isso invalida a análise que aqui se pretendeu.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quase quatro séculos antes da inglesa Mary Wollstonecraft publicar, o que é considerado como um dos primeiros clássicos da literatura feminista, *A vindication of the rights of woman*, em 1792, encontramos uma mulher expondo publicamente seu ponto de

vista e procurando um lugar para as outras mulheres na sociedade da sua época. De modo que ao nos questionarmos, no título desse ensaio, se é apropriado se considerar Christine de Pisan uma feminista no período do medievo, uma resposta parece se destacar. Como declara Pisan: “Gentis mulheres, burguesas e donzelas, e todas as demais, requerem humildemente nosso socorro. Reclamem as ditas damas, de grandes males, infâmias, difamações, traições e ultrajes muito graves, de falsidades e outros erros, que recebem a cada dia dos desleais que as desonram, difamam e desprezam.” Assim se levarmos em conta a definição estrita da palavra “feminista” a resposta pode ser positiva, pois, como se pôde verificar ao longo desse texto, Christine de Pisan ao se posicionar contra os escritores misóginos de sua época, reivindicar educação igualitária para as mulheres e pretender construir uma cidade, habitada por mulheres, estava reivindicando um lugar de igualdade para as mulheres.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BERTINI, F. et al. *La Mujer Medieval*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. *A Cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pisan. Estudo e Tradução*. Universidade Federal de Pernambuco, (Doutorado em Letras). 371 f. Recife, 2006.
- CALADO, Luciana. Christine Pisan. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- CASAGRANDE, Carla. As Normas do Controlo. IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org). *História das Mulheres*. Vol. 2. Porto: Afrontamento, 1998.
- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Vol. 2. Lisboa: Estampa, 1994.
- DEPLANGE, Luciana Eleonora de F. C. A reescrita do mito das amazonas na obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pisan. In: *Anuário de literatura – Programa de Pós-Graduação em Literatura Universidade Federal de Santa Catarina*. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2013, vol. 18, n. esp. 1, p.115-136.
- DUBY, Georges. *A Idade Média na França (987 -1460): de Hugo Capeto a Joana d’Arc*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- FIGUEIREDO, A. J. Espelho de Cristina. *Revista Brasileira de Filologia*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, vol; 3, tomos I e II, pp. 117-119, 1957.

FRANCO Jr, Hilário. *A Idade Média – Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/feminino. IN: LE GOFF, Jacques, SCHMIDT, Jean Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002.

LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação*. Universidade de São Paulo (Doutorado em Letras). 223 f. São Paulo, 2008.

MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.

OPTIZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org). *História das Mulheres*. Vol. 2. Porto: Afrontamento, 1998.

PISAN, Christine de. *O Espelho de Cristina*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987. Edição Fac-símile.

PIZAN, Christine. *A cidade das damas* [1405]. Tradução de Luciana Calado. Florianópolis: Mulheres, 2012.

POWER, Eileen. *Les femmes au moyenâge*. Paris: Aubier Montaigne, 1979.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes místicas. IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org). *História das Mulheres*. Vol. 2. Porto: Afrontamento, 1998.

TUCHMAN, Bárbara W. *Um espelho distante*. O terrível século XIV. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Recebido em 14/10/2016

Aprovado em 27/08/2017

